



O PAPEL DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Allana Minelly Targino Silva ¹
Dinah Cristina Pereira da Silva Saldanha ²

RESUMO

A pesquisa tem por objetivo discorrer sobre o papel do professor na educação inclusiva e com este busca-se responder a seguinte pergunta norteadora: como deve ser a condução do professor aos alunos com necessidades especiais junto aos demais alunos de um sala de ensino regular? Metodologicamente foi escolhida a pesquisa bibliográfica, sendo que através do uso de obras científicas e escritos digitais torna-se possível o conhecimento das mudanças no cenário educacional, em questão, e como é possível garantir que os alunos com necessidades especiais consigam se inserir em meios diversos sem serem discriminados ou mesmo excluídos das atividades que garantem seu desenvolvimento psíquico e social. Depois de identificadas as pesquisas que discorrem sobre o assunto ficou evidente que os docentes são colocados em sala de aula para o atendimento a alunos com e sem necessidades especiais, fazendo-se necessário a mudança de suas práticas pedagógicas para que todos os discentes consigam se desenvolver devidamente junto a seus colegas, entretanto nota-se que falta apoio para capacitação plena, afim de que esses profissionais consigam atender a uma demanda que apenas cresce em salas de aulas regulares.

Palavras-chave: Ensino, Educação Inclusiva, Necessidades Especiais, Professor.

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva tem sido assunto de diversas discussões no cenário escolar, sobretudo, no que tange em como desenvolver o aluno com necessidades especiais. Não são poucos os professores que não se sentem preparados para atender a esses discentes, principalmente quando eles se inserem em salas de aulas regulares.

Por muito tempo os alunos com necessidades especiais foram atendidos por professores especializados, nas chamadas salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), entretanto com o passar dos anos e o pouco desenvolvimento desses alunos, percebeu-se a necessidade de colocá-los junto aos demais, tornando possível seu desenvolvimento de maneira inclusiva assim como apresentando aos demais alunos a importância do acolhimento a esses sujeitos.

¹ Especialista em Ensino de língua portuguesa e matemática em uma perspectiva transdisciplinar- IFRN e Especialista em Psicopedagogia clínica e institucional- FAVENI, allana.minelly@hotmail.com

² Graduada em Pedagogia- UERN. Especialista em psicopedagogia- FAVENI. Especialista em neuropsicopedagogia- FAVENI. Especialista em Ensino de Arte- FAVENI. Especialista em Ensino da língua portuguesa e matemática em uma perspectiva transdisciplinar- IFRN. dinah_christina@hotmail.com



Dessa maneira, percebe-se o cuidado que o professor de alunos com necessidades especiais e, sobretudo, que inserem-se em salas de aula regular precisa ter junto a seu acompanhamento e desenvolvimento, pois realizar as mesmas atividades que os demais, as vezes não é possível, sendo necessário que o docente esteja preparado para trabalhar com esse aluno sem que ele se sinta excluído e sem tornar possível o distanciamento do mesmo dos demais discentes.

Sendo assim, é viável que as escolas, através do papel dos gestores administrativos tornem possível que as práticas dos professores sejam aperfeiçoadas rotineiramente, pois apenas dessa maneira eles terão condições de garantir que o aluno com necessidades especiais aprenda, sobretudo, o básico ainda no ensino fundamental.

Entendendo estas questões, o objetivo da pesquisa é discorrer sobre o papel do professor na educação inclusiva. O intuito do estudo é responder a seguinte pergunta norteadora: como deve ser a condução do professor aos alunos com necessidades especiais junto aos demais alunos de um sala de ensino regular?

METODOLOGIA

O estudo foi realizado de maneira bibliográfica, pois fez uso de informações contidas em revistas, monografias, artigos e demais literaturas tanto em forma digital quanto físico. Esse estudo é possível e importante para que a sociedade compreenda como uma mesma situação desenvolveu-se ao longo dos tempos. O mesmo é considerado devido porque permite o entendimento de quais barreiras foram preciso superar para que a sociedade atual pudesse fazer uso de diversos direitos, tais como a educação para todos, onde se inclui o sujeito com necessidades especiais.

Minayo (2004, pp. 21-22) discorre que esse tipo de estudo é considerado qualitativa, pois “[...] trabalha com o universo de significados, motivações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo de relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização”.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ferreira e Cadavieco (2015) afirmam que nos dias atuais a educação inclusiva toma novas expressões e novas necessidades dentro de um currículo individual, é importante uma pedagogia ampliada e diferenciada para que todos os alunos tenham o mesmo entendimento



de forma completa, a gestão participativa e todos os projetos educacionais são parte do cotidiano dos professores, porém, para que tudo isso seja implementado é um grande desafio pois é importante que haja uma mediação pedagógica e terapêutica de acordo com a necessidade de cada aluno.

Aguiar, Silva e Alves (2019) corrobora dizendo que dentro da escola é realizada uma grande construção com práticas pedagógicas diferenciadas e estimula o ensino e a capacidade do aluno de desenvolver suas percepções, criatividade, domínio e principalmente a interação com as outras crianças.

Segundo os autores supracitados, os professores possibilitam com a inclusão que os alunos se tornem mais próximos independente das diferenças que existem entre eles, pois a escola prioriza o respeito entre todas as necessidades de cada um e a mesma juntamente com os professores, tem um preparo para conseguir atender todas carências das crianças.

Sobre a afirmativa acima Ribeiro (2003, p. 49) destaca que:

O pressuposto da inclusão é que a escola ofereça oportunidades de aprendizagem a todos indistintamente, respeitando a diversidade de sua clientela. Essa intenção deve se explicitar no projeto pedagógico da escola, de modo que o currículo proposto seja dinâmico e flexível, permitindo o ajuste do fazer pedagógico às peculiaridades de cada aluno (RIBEIRO, 2003, p. 49).

Segundo Formosinho (2018) o ambiente educativo, embora seja experienciado como uma totalidade, deve ser alvo de cortes epistemológicos para pensar cada uma das suas partes, cada dimensão em si mesma e na interação com as outras (FORMOSINHO, 2018, p. 53)

Ferreira e Cadavieco (2015) colocam que as atitudes inclusivas dentro das salas de aula têm iniciativa dos professores com ações que condicionem os alunos a interagirem, pois, a função designada para o professor é incluir todas as crianças observando como elas desenvolvem, fazendo com que elas ultrapassem seus medos e mudem concepções pré existentes que elas possam apresentar no decorrer da vida, as autoras também afirmam que essa interação positiva vai depender da capacidade do professor de criar um espaço educativo com facilitadores que norteiem de forma adequada essas crianças.

Oliveira (2011, p. 215) expõe que o professor de Educação Infantil tem procedimentos imprescindíveis para organizar um ambiente: "estabelecer limites e apresentar regras com clareza, justificar proibições, ajudar as crianças a fazer acordos e lembra-los desses acordos, quando necessário".

De acordo com Oliveira (2020) as práticas inclusivas são consideradas de emergência dentro da dinâmica do trabalho não só entre os professores, mas entre todos os profissionais



que compõe a escola regular, as atividades que envolvem um grupo são importantes pois é a partir delas que o conhecimento é compartilhado e disseminado entre todos os alunos de acordo com todas as suas subjetividades e singularidades.

Segundo Formosinho (2009) as escolas atingiram um público multicultural de acordo com a sua expansão e com isso trouxe também diversos modelos de socialização entre todas os alunos que nela estudam, de acordo com o autor, esse público "novo" é considerado heterogêneo tanto da visão dos professores como também dos alunos, por isso há um desafio para aplicar a educação inclusiva e suas transformações.

Aguiar, Silva e Alves (2019) afirmam que os profissionais da educação que lidam com esses alunos dentro da sala de aula precisam ter uma visão mais abrangente das necessidades de cada um, entendendo que cada criança possui uma singularidade, portanto, os professores devem estimulá-los, fazendo com que cada etapa seja um aprendizado novo.

Como já citado por Formosinho (2018), o ambiente influencia na aprendizagem e na experiência das crianças para que elas possam interagir com as outras, sendo assim, é necessário segundo Gomes que aconteça a organização do espaço e dos materiais, pois a ambiência e o espaço físico revela como a escola apoia o desenvolvimento dos seus alunos, esse espaço deve ser organizado de tal modo que a criança se sinta segura no espaço tanto individual como também em um grupo.

De acordo com Post e Hohmann (2011) uma boa organização da sala faz com que as crianças possam explorar o ambiente de forma voluntária e livre, essa exploração propicia para a mesma um momento de aprendizado e desenvolvimento e também pode potencializar as interações positivas.

Para Gomes (2019) a organização do tempo também é importante, pois os professores dependem dele para criarem uma rotina diária com as crianças, esta passa uma sensação de segurança para elas pois com a rotina elas vão desenvolvendo um sentido de continuidade das ações, assim, podem prever e influenciar no acontecimento das atividades.

Corroborando com a afirmativa acima, Hohmann e Weikart (2011, p. 224) comentam que “uma rotina diária consistente permite à criança aceder a tempo suficiente para perseguir os seus interesses, fazer escolhas e tomar decisões, e resolver problemas à dimensão da criança no contexto dos acontecimentos que vão surgindo”.

Aguiar, Silva e Alves (2019) complementam que o professor deve surgir com um ambiente seguro e que a criança sinta o apoio e acolhimento, este deve possuir materiais diferenciados para despertar a curiosidade dos alunos dependendo dos seus interesses pessoais.



Post e Hohmann (2011, p.72) dizem que o professor deve estar disponível emocionalmente e fisicamente para observar e interagir com os alunos valorizando cada descoberta nova e respeitando seu espaço e singularidade, os mesmos autores também dizem que “um clima de apoio estimula e fortalece o desenvolvimento e crenças nos outros, da autonomia, da iniciativa, da empatia e da autoconfiança”.

Ferreira e Cadavieco (2015) elencam algumas características que fazem com que o professor pratique bem a inclusão dentro do seu espaço, por exemplo, o professor deve promover a autonomia dos alunos assim como estabelecer climas positivos dentro da sala de aula e demonstrar as expectativas positivas, além de priorizar a organização tanto do trabalho individual com a criança como também das atividades em grupo estimulando sempre o trabalho cooperativo.

Outro ponto importante comentado pelos autores supracitado é a mudança nas metodologias de ensino, não deixar que as aulas se tornem monótonas, pois desestimula as crianças e faz com que elas percam o interesse dentro de sala de aula, é importante que o professor diversifique estratégias de ensino diante as situações de aprendizagem distintas (SALVINI *et al.*, 2019).

Aguiar, Silva e Alves (2019) abordam que o desenvolvimento profissional dos professores é um dos itens que levam à inclusão pois cada docente é um sujeito que possui o seu próprio desenvolvimento profissional e ele que se encarrega de construir suas práticas e valores, ou seja, cabe a ele praticar um ensino regular de forma inclusiva e identificar as necessidade não só dos alunos mas também do ambiente em que eles estão colocados, avaliando e criando novas possibilidades educativas para alcançar os objetivos propostos. Segundo os autores, também é função do professor a promoção de momentos de participação ativa e interativa das crianças, fazendo uso das práticas educativas, individualizadas e diversas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Depois que a legislação fundamenta a necessidade e obrigatoriedade em atender o aluno com necessidades especiais dentro de salas e contextos comuns, escolas e seu grupo de profissionais tem buscado se encaixar nestas especificidades e atender a todos os pais que o procuram, entretanto nem sempre os professores, sobretudo, estão preparados para demandar qualidade junto a numerosas salas de aulas com alunos com necessidades totalmente distintas (MANTOAN, 2009).



Neste viés, percebe-se que a busca dos professores por capacitação acerca da educação inclusiva tem se intensificado, pois os mesmos não sentem-se aptos para atender a todos os sujeitos de maneira que consigam levar crescimento a eles, sobretudo, desenvolvimento cognitivo.

Borges (2016) enfatiza que trata-se da busca pela ressignificação do que é educação inclusiva, pois até certo tempo atrás acreditava-se que incluir era deixar a criança com necessidades especiais viver no meio dos demais alunos quando na verdade via-se bastante negligência por parte dos profissionais junto a estes discentes, pois eles eram excluídos de atividades lúdicas, de passeios ao ar livre e da possibilidade da recreação, já que não existiam jogos preparados para o atendimento a todos, onde eles se incluíssem.

Silva (2019) discorre sobre o aumento dos alunos com necessidades especiais em sala de aula regular e faz observações relevantes sobre diferenciação desse atendimento tanto nas escolas públicas quanto particulares, conforme apresentado no quadro 1.

Quadro 1: Censo Escolar e ambientes físicos para atendimento aos alunos com necessidades especiais

Ensino Fundamental- Escolas Públicas	Ensino Fundamental- Escolas Particulares
Banheiros Adaptados - 38,6%	Banheiros Adaptados - 55,6%
Dependências Adequadas - 28%	Dependências Adequadas - 44,7%
Ensino Médio - Escolas Públicas	Ensino Médio - Escolas Particulares
Banheiros Adaptados - 60%	Banheiros Adaptados - 68,7%
Dependências Adequadas - 44,3%	Dependências Adequadas - 52,7%

Fonte: Silva (2019, s/p)

Como é possível identificar, além da necessidade dos professores adaptarem suas práticas a esse nova modalidade de ensino e de atendimento, as escolas também precisam preparar seus ambiente para atender não apenas o aluno, mas o professor ou cuidador que está junto a esta criança. A precariedade ressalta-se, sobretudo, no ensino fundamental e nas escolas públicas, sendo que são estes anos iniciais os que mais precisam de estrutura para o desenvolvimento ao longo dos anos dos alunos.

E vale salientar que não é papel do professor realizar essas cobranças aos gestores, mas garantir que diante toda parametrização, os alunos sem necessidades especiais percebam



que aqueles que possuem maiores limitações podem realizar atividades quaisquer assim como eles, sendo necessário apenas estímulo e entendimento acerca de suas principais necessidades.

Ainda o papel do professor é fazer com que todos percebam que não existe impossibilidade física ou mental que incapacite alguém, sendo necessário apenas, como supracitado, adaptação das atividades propostas, sendo esta uma ressignificação acerca do trabalho efetuado.

No momento vivenciado pelo mundo, durante a pandemia de COVID-19, os professores precisam ainda mais de práticas repensadas e assertivas, pois o governo não tomou nenhuma medida que volta-se a educação inclusiva, entretanto, sabe-se que mais do que nunca esses alunos e pais precisam de auxílio, afim de que seu desenvolvimento não seja retardado (GOMES, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o identificado no texto em questão, pode-se compreender que o papel do professor na educação inclusiva é garantir que os alunos com necessidades especiais consigam realizar as mesmas atividades que os demais alunos de uma sala de aula regular, entretanto com estratégias diferenciadas para que o entendimento da proposta ocorra.

A educação inclusiva como é possível identificar através da fala dos autores apresentados deixa de ser, aos poucos, um momento onde os alunos com necessidades específicas são levados para o mesmo ambiente que os demais discentes, porém sem participar ativamente das atividades que os demais realizam e passa a ser um momento onde eles esquecem-se das diferenças entre si e passam a frequentar os mesmos ambientes que seus colegas, tais como teatro, shopping, espaços culturais, desenvolvendo-se na mesma frequência, sentindo-se parte.

Fica evidente que o papel do professor é fazer com que os alunos não sintam-se melhores uns que os outros por causa da falta de limitações mais apresentáveis, pois através dessa educação é possível criar uma sociedade mais justa e igualitária, onde prevalece-se o respeito, a igualdade e a dignidade da pessoa humana, além ainda da autonomia daqueles que sempre se sentiram incapazes.

Além disso, percebe-se que se o professor apresenta possibilidades e desconstrói limites impostos pela sociedade e conseqüentemente pelas próprias crianças, por causa do que veem e ouvem sobre eles, os mesmos passam a se sentir mais preparados para conseguir



realizar as atividades propostas por seus docentes e conseqüentemente se superar dos limites que achava que tinham.

Por fim, fica evidente que isto só é possível após os professores entenderem que sua capacitação não finda, ela é constante e necessária, pois de acordo com as mudanças nos cenários sociais surgem novas demandas nos cenários escolares, novas possibilidades e novos dilemas, causando dificuldades nas práticas antes exercidas e que pedem novas práticas, afim de que exista qualidade no ensino e menos estresse, tanto por parte do discente quanto por parte do docente. Sabe-se que através da capacitação plena os professores conseguem trocar ideias com outros e conseqüentemente passam a saber atuar em situações diversas, o que possibilita a cada um formas diversificadas de atuação na educação inclusiva.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L; SILVA, D; ALVES, A. Educação inclusiva: reflexões acerca das contribuições e desafios no processo educativo. **Revista Expressão Católica**; v. 7, n. 1; 2019.

BORGES, M. L. **A educação inclusiva**: em busca de ressignificar a prática pedagógica. Cadernos PDE, 2016. Disponível em:<
http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_edespecial_uem_marilenelanciborgessenra.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

FERREIRA, M; CADAVIECO, S. Educação inclusiva: o professor como epicentro do processo de inclusão. **Revista nacional e internacional de educación inclusiva**, v 8. n 1, 2015.

FORMOSINHO, J. **Modelos pedagógicos para a Educação em Creche**. A abordagem HighScope para a Educação e Cuidados em Creche. Porto: Porto Editora, 2018.

FORMOSINHO, J. Ser professor na escola de massa In: _____. (Org.) **Formação de Professores**: aprendizagem profissional e ação docente. Porto: Porto Editora Ltda, 2003.

GOMES, J. **Educação inclusiva ou integração de crianças com necessidades educativas especiais? Um estudo numa sala de jardim de infância**. Instituto Politécnico de Lisboa. Escola Superior de Educação de Lisboa, 2019.

GOMES, P. H. **Governo não adotou medidas para promover educação inclusiva na pandemia, diz relatório**. G1, 2020. Disponível em:<
<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/08/11/governo-nao-adotou-medidas-para-promover-educacao-inclusiva-na-pandemia-diz-relatorio.ghtml>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

HOHMANN, M; WEIKART, D. **Educar a criança**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

MANTOAN, M. T. E. **O desafio das diferenças nas escolas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.



MINAYO, M. C. S. Introdução. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de Programas Sociais.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. pp. 19-51.

OLIVEIRA, C. **Mediação pedagógica com alfabetização, letramento e subjetivação na educação inclusiva.** Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande. 2020.

OLIVEIRA, Z. **Educação infantil: Fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2011.

POST, J; HOHMANN, M. **Educação de bebês em Infantários, Cuidados e Primeiras Aprendizagens.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

RIBEIRO, M. L. S; BAUMEL, R. C. R. C. **Educação Especial: do querer ao fazer.** São Paulo: Avercamp, 2003.

SALVINI, R. R. **Avaliação do Impacto do Atendimento Educacional Especializado (AEE) sobre a Defasagem Escolar dos Alunos da Educação Especial.** Estud. Econ. v.49, n.3 São Paulo, 2019. Disponível em:<
https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-41612019000300539&script=sci_arttext>.
Acesso em 10 ago. 2020.

SILVA, G. **Cresce o número de matrículas dos estudantes com necessidades especiais.** EDUCABRASIL, 2019. Disponível em:<
<https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/cresce-o-numero-de-matriculas-dos-estudantes-com-necessidades-especiais>>. Acesso em 22 ago. 2020.